

Uma análise hermenêutica dos símbolos litúrgicos anglicanos: A liturgia como linguagem da religião

*Josilene Silva da Cruz*¹
*Eunice Simões Lins Gomes*²

RESUMO

Nosso objetivo consiste em analisar por meio da hermenêutica simbólica proposta por Gilbert Durand os principais símbolos litúrgicos utilizados no culto anglicano. Considerando o homem como *homo symbolicus* e contemplando a integração entre razão e imaginação ressaltamos a relevância do imaginário que se manifesta nas culturas através das imagens e símbolos. A metodologia de investigação foi a pesquisa descritiva de campo, a observação, entrevista e questionário. Assim apresentamos como resultado da análise um recorte dos símbolos que revelam a identidade anglicana e o imaginário presente entre os sujeitos envolvidos no culto.

PALAVRAS-CHAVE

Hermenêutica simbólica. Imaginário. Religião.

¹ Graduanda em Ciências das Religiões – Universidade Federal da Paraíba - UFPB – e Integrante do Grupo de Pesquisa GEPAI (Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário).

² Profa. Pós-doutora em Ciências da Religião pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo) e professora no Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa GEPAI (Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário).

ABSTRACT

Our aim is to analyze the major liturgical symbols used in Anglican worship by means of symbolic hermeneutics proposed by Gilbert Durand. Considering human being as *homo symbolicus* and contemplating the integration between reason and imagination we emphasize the importance of imagination manifested in cultures through images and symbols. The research methodology was descriptive field observation, interview and questionnaire. So, as a result we present an outline of the analysis of the symbols that reveal the Anglican identity and imaginary present among Faithful Anglicans involved in the worship.

KEYWORDS

Symbolic Hermeneutics. Imaginary. Religion.

Considerações iniciais

Este artigo, pelo viés da hermenêutica simbólica, apresenta uma análise sobre a valorização e utilização dos símbolos no culto anglicano, e também a apreciação da liturgia como uma forma da linguagem da religião. Para tanto, iniciaremos nossa proposta apresentando os fundamentos da hermenêutica e seus principais precursores, para, posteriormente, adentrarmos na análise simbólica proposta pelo antropólogo francês Gilbert Durand e sua Teoria Geral do Imaginário.

A hermenêutica é um dos ramos existentes na filosofia que se ocupa da teoria da interpretação, ou seja, é na hermenêutica que encontramos a busca pela interpretação ou pelo sentido. Ela surge da inquietação humana que existe em buscar dar respostas e também sentido ao nosso modo de ser, tanto nas relações consigo, com os outros e também com o sagrado³.

A abrangência da hermenêutica é consideravelmente extensa e antiga e, como parte da filosofia, ela remete a um estudo ontológico do

³ JOSGRILBERG, Rui de Souza. Hermenêutica fenomenológica e a tematização do sagrado. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 31.

ser. Inicialmente ela se abriu como campo investigativo dos textos e se fundamenta em grandes nomes como Schleiermacher, Dilthey, Husserl, Heidegger e, posteriormente, com a hermenêutica fenomenológica em Paul Ricoeur e Hans George Gadamer⁴. Isto também se constata na exposição de Almeida:

A hermenêutica é um ramo da filosofia que se ocupa da interpretação de textos e discursos e busca compreender, interpretar, traduzir o sentido de uma obra. Surgida sob a égide de Hermes, a hermenêutica fundamenta-se teoricamentecom Friedrich Schleiermacher (2008), que busca estabelecer uma teoria geral da compreensão, pela qual não podemos compreender o todo sem que se compreenda suas partes e vice-versa. Esse procedimento é chamado círculo hermenêutico⁵.

O autor também nos esclarece que é neste círculo hermenêutico que irá se instaurar o símbolo e a mediação simbólica, o que propicia a elaboração de um sentido⁶. Desse modo destacamos que a hermenêutica se configura na modernidade de formas diferenciadas tratadas por Josgrilberg⁷ como “hermenêuticas especiais”, a exemplo da bíblica. Muitos filósofos dedicaram seus estudos às várias possibilidades de hermenêutica, mas em síntese poderíamos dizer que ela se propõe a responder às inquietudes humanas, manifestas por muitas vias e entre elas as relações com o sagrado. Conforme o autor supracitado nos esclarece:

Para Ricoeur, essa inquietude traduz uma não coincidência do ser humano consigo mesmo em termos de desejo e vontade. [...] O ser humano vive sua existência originária não como dedução ou cálculo, mas como interpretação. “Diante de...” não significa primariamente uma questão epistemológica, mas um questão herme-

⁴ JOSGRILBERG, 2012, pp. 36-38.

⁵ ALMEIDA, Rogério. Mitocrítica e mitanálise no campo da hermenêutica simbólica. GOMES, Eunice S. L. (org.). **Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011, p. 17.

⁶ ALMEIDA, 2011, p. 20.

⁷ JOSGRILBERG, 2012, p. 35.

nêutica. [...] Trata-se pois de uma hermenêutica das transformações de uma disposição de fundo de si mesmo e das significações, da motivação originária que nos impulsiona a nos expressarmos.

Ainda sobre a hermenêutica poderíamos dizer que se trata da ciência da interpretação, da explicação, da compreensão ou, em outros termos, da teoria dos sentidos no âmbito do entendimento, da busca pela essência muito semelhante ao que ocorre com a perspectiva fenomenológica que também provém dos estudos filosóficos.

Ressaltamos a posição de Ricoeur fundamentando-se em uma hermenêutica fenomenológica que, por sua vez, também integra estudos filosóficos e busca apreender os fenômenos da consciência humana. Então, podemos considerar que a perspectiva fenomenológica busca apreender a intencionalidade ou essência dos fatos religiosos. De acordo com Croatto:

Aplicada à(s) ciência(s) da(s)religião(ões), a fenomenologia não estuda os fatos religiosos em si mesmos (o que é tarefa da história das religiões), mas sua *intencionalidade* (seu *eidós*) ou essência. A pergunta do historiador é sobre quais são os testemunhos do ser humano religioso, a pergunta do fenomenólogo é sobre *o que* significam. [...] explora especificamente *seu sentido*, sua significação para o ser humano específico que expressou ou expressa esses mesmos fenômenos religiosos)⁸.

Nas palavras de Terrin (2003)⁹, a fenomenologia pode ser entendida como método de estudo das religiões e, neste sentido, ressalta-se a obra *O Sagrado* (1917), de Rudolf Otto (1869-1937), que põe em confronto temas religiosos, mas que baseada na compreensão e na participação no mundo das religiões busca colocá-las num plano de experiência vivida, favorecendo a experiência religiosa em si.

⁸ CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião.** Trad. Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 25 – grifos do autor.

⁹ TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões.** Trad. Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Paulinas, 2003.

Nessa perspectiva de uma valorização da experiência vivida optamos por uma metodologia que nos permitisse observar e registrar como se processa a vivência do grupo anglicano com seus símbolos litúrgicos. Desse modo, recorreremos a pesquisa descritiva de campo que consiste, segundo Best (1972)¹⁰, em descrever, registrar, analisar e interpretar fenômenos atuais que objetivem seu funcionamento no presente. Ainda utilizamos como instrumento para coleta dos dados a observação participante, entrevistas e questionários nos quais buscamos abstrair qual a relevância dos símbolos utilizados no culto anglicano.

Então construímos o objetivo de nosso estudo: analisar por meio da hermenêutica simbólica os principais símbolos litúrgicos anglicanos e, em seguida, identificar qual a estrutura do imaginário presente e apreender o aspecto sagrado dos símbolos litúrgicos.

Considerações sobre a Hermenêutica Simbólica

Ao tratarmos das várias possibilidades hermenêuticas ressaltamos que optamos por uma das possibilidades de análise para a compreensão do imaginário religioso presente no grupo anglicano por nós selecionado: a hermenêutica simbólica. Essa modalidade hermenêutica se fundamenta também em vários autores, mas não podemos deixar de ressaltar a contribuição trazida pelos integrantes do Círculo de Eranos que reunia grandes pensadores que contribuíram com suas pesquisas e considerações dentro de suas áreas de estudos. De acordo com Teixeira & Araújo,

O Círculo de Eranos foi fundado em 1933 por Olga Frobenius-Kaptein (1881-1962), sob a orientação de Rudolf Otto, em Ascona, Suíça, com o objetivo de criar um “espaço livre para o espírito”, um “lugar de encontro entre o leste e o oeste”. Eranos, em grego, significava “banquete espiritual” ou “comida de fraternidade”.

¹⁰ MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 19.

Tendo Jung como mentor, os encontros de Eranos aconteceram anualmente de 1933 a 1988, versando a cada ano sobre uma temática escolhida com antecedência¹¹.

Ao realizarmos esta opção consideramos que seja relevante expor as diferenciações existentes entre símbolo e signo, apoiados em Gilbert Durand e também em outros teóricos que deram suas contribuições para as ciências humanas. O símbolo diferencia-se do signo por remeter há várias possibilidades de interpretação, enquanto que o signo aponta para um caminho interpretativo.

Para Durand (1988, p. 13), os signos arbitrários seriam indicativos, remeteriam a uma realidade significada e representável, enquanto os signos alegóricos figurariam concretamente uma parte da realidade que significam. Esse **signo que se refere a um sentido** e não a um objeto sensível é operado pela imaginação simbólica, sendo **o símbolo “a recondução do sensível**, do figurado, ao significado; mas, além disso, pela própria natureza do significado, é inacessível, é epifania, ou seja, **aparicação do indizível, pelo e no significante**¹².

Apoiando-nos nesta exposição de Durand (1988), citada por Almeida (2011), ressaltamos a relevância de se trabalhar com os símbolos e, por isso, nossa opção pela hermenêutica simbólica como a mais adequada para se constelar uma análise dos símbolos religiosos anglicanos. Sobre este aspecto diferenciado do símbolo religioso destacamos:

[...] O símbolo constitui, como diz Cassirer, “uma parte mundo humano da significação”: aquela que não se pode apresentar *diretamente* à sensibilidade. Assim, para seguir o exemplo proposto por M. Eliade, quando uma árvore se converte em objeto de culto, já não é uma árvore que é venerada, mas se converte em *hierofania*,

¹¹ TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; ARAÚJO, Alberto Felipe. **Gilbert Durand: Imaginário e educação**. Niterói: Intertexto, 2011, p. 37.

¹² ALMEIDA, 2011, p. 20 – grifo nosso.

isto é, em manifestação do sagrado. Em outras palavras, a árvore possui um significado que, em última instância, é simbólico, porque remete a seres ou valores sobrenaturais¹³.

O significado simbólico se encontra frequentemente nas relações do homem com sua divindade, ou seja, não é a coisa em si representada, mas o sentido a que ela conduz. Percebemos que simbolicamente os utensílios e objetos presentes num determinado rito de alguma religião, se transfiguram e passam a receber outro significado que não o real ou apresentável.

No estudo realizado com o grupo anglicano foi possível apreender o aspecto sagrado dos símbolos litúrgicos utilizados no culto, a exemplo dos vasos litúrgicos: o cálice e a âmbula, que são utilizados na celebração eucarística e são objetos que contém respectivamente o vinho, que representa o sangue de Cristo, e o pão, ou em termos anglicanos, as obréias, que representam o Corpo de Cristo. Estes objetos passam a ter uma conotação de símbolo, pois deixam de ser os simples recipientes que contém os elementos para remeterem aos próprios elementos, sendo associados diretamente à eles, ou seja, ao ver o cálice o comungante remete ao sangue de Cristo; e a âmbula, ao corpo (assim como também a caixa de obréias).

Nesta perspectiva de transformação do objeto em símbolo poderíamos citar vários exemplos e, nesse contexto do simbolismo cristão, temos a exposição de Pires (2006), que afirma:

Em determinada comunidade protestante, em vez de se utilizar vinho e hóstia, o pastor optou pelo uso de café e pão. A argumentação, que partia da racionalização extremada desses símbolos, consistia em afirmar que Jesus utilizou vinho e pão por fazer parte da cultura alimentar de seu tempo. A partir dessa interpretação, conclui-se que o café e o pão estavam mais próximos à realidade dessa comunidade, e, portanto, deveriam substituir o vinho e o pão. No entanto, tal mudança provocou insatisfação entre os membros

¹³ MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião.** Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 88.

da referida igreja. O problema era que, de certa forma, para aquelas pessoas, o pão e o vinho faziam parte do sangue e corpo de Cristo. **Esses símbolos não apenas apontavam para outra realidade, mas participavam dela**¹⁴.

Assim encontramos a referência de que no símbolo podemos perceber uma “representação do ausente”, do inacessível, e esta também é a proposta da hermenêutica simbólica, a exemplo do que podemos verificar na liturgia cristã, principalmente no sacramento da Eucaristia, de acordo com as palavras do próprio Durand: “A liturgia cristã ortodoxa, na ornamentação do iconostase ou no sacramento da Eucaristia, mostra bem a imagem simbólica (ícone) é simultaneamente *anamnese* (entendida como recordação, memória) cujo tipo de sacramento de comunhão, e *epiclese* (no sentido de invocação) cujo tipo é o de Pentecostes”¹⁵.

A Igreja Anglicana e seu culto

A história do anglicanismo nos remete ao surgimento do protestantismo, porém com algumas peculiaridades como as várias oscilações entre catolicismo romano e protestantismo ocorridos na história de existência desta vertente cristã. Com isso, a Igreja Anglicana buscou uma identidade própria que lhe assegurou uma posição de igreja evangélica e católica ao mesmo tempo, uma concepção complexa de se entender, segundo nos indica Jean-Paul Durand:

O anglicanismo diz ser ainda uma Igreja católica e reformada, ao mesmo tempo: um via meio difícil, que atesta a morte de dois arcebispos de Canterbury: Thomas Crammer, sob a rainha católica

¹⁴ PIRES, Frederico Pieper. A dança do símbolo no cenário da hermenêutica. HIGHET, Etienne A.; MARASCHIN, Jaci. **A Forma da Religião: leituras de Paul Tillich no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 31 – Grifo nosso.

¹⁵ DURAND, 1993.p. 11.

Maria Tudor, em 1556, e William Laud, decapitado em 1645 por seus adversários protestantes, puritanos¹⁶.

A Igreja Anglicana está presente em nosso país desde o século XIX (a partir de 1819, sendo a primeira igreja protestante presente em nosso país), teve sua “origem” inicialmente na Inglaterra após o rompimento do Rei Henrique VIII com a Igreja Católica, que se deu por não ter conseguido a anulação de seu casamento pelo Papa da Igreja Romana, porém não se resume a este fato. Os casamentos posteriores do Rei trouxeram para o anglicanismo a herança histórica de seus líderes sempre ligados à coroa inglesa, ora católica e ora protestante¹⁷.

Nossa pesquisa aconteceu em uma igreja anglicana localizada na cidade de João Pessoa (PB), que encontra-se no estado desde a década de oitenta. Seus líderes são os Reverendos ou Pastores. É uma paróquia emancipada (possui mais de sessenta membros confirmados); possui aproximadamente cento e vinte membros; suas principais fontes de fé são a Bíblia e a Eucaristia; os sacramentos presentes em sua liturgia são o Batismo e a Eucaristia; a sua identidade: Cristãos Anglicanos, que fazem parte da corrente mais tradicional do anglicanismo, chamada de ortodoxa.

Foi possível perceber que o culto da Igreja anglicana é muito semelhante a uma missa da Igreja Católica Romana. Desconfiamos que isso deve ser por causa da sua herança histórica de entrelaçamento entre liturgia católica e fundamentação protestante, conforme podemos verificar em nossa exposição anterior, em função das várias oscilações ocorridas entre protestantismo e catolicismo ocorridas na história do anglicanismo, sendo os elementos da liturgia mantidos e caracterizando seu culto.

¹⁶ DURAND, Jean-Paul. **Instituições Religiosas**: Judaísmo, Catolicismo, Islamismo e Igrejas saídas da Reforma. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 138.

¹⁷ CAVALCANTI, Robinson. **Anglicanismo**: identidade, relevância, desafios. Recife: Edição do Autor, 2009.

A linguagem litúrgica

A palavra liturgia remete ao ato ou culto público em função de sua origem, que vem do grego *leitourgia* e significa “função pública”. Ela é a ação conjunta do povo e nas suas origens sempre remetia às ações advindas do povo, mas, aos poucos, ela foi sendo absorvida como rito ou ação religiosa, principalmente no cristianismo que faz uso da liturgia para recordar de forma visível e palpável os mistérios de sua divindade Jesus Cristo.

A liturgia cristã é a forma de realização do mistério pascal vivido por Jesus Cristo, ou em outros termos, é por meio da liturgia que o fiel se insere no memorial de Cristo. Ela se constitui na própria ação do crente que se envolve neste espírito de dinamismo da palavra de Deus. As ações que são designadas como comuns no culto são constituídas pela liturgia que indica respostas, posturas, orações, etc., que devem ser proferidas no rito.

Quanto à liturgia anglicana, seu fundamento se encontra no Livro de Oração Comum (LOCb)¹⁸, no qual aparecem os preceitos trazidos da reforma Inglesa que iniciou-se em 1534. Ela consiste basicamente em quatro partes: Os Ritos Iniciais (cântico, procissão de entrada, momento de confissão e da coleta do dia); Liturgia da Palavra (leituras do Antigo Testamento, Salmo, Novo Testamento e Evangelho), seguidos do Sermão, credo e orações do povo; A Liturgia Eucarística (iniciando-se com o ofertório, Oração Eucarística, Pai Nosso, Fração do Pão, Comunhão, Oração Pós-comunhão); Ritos Finais (despedida, bênção e envio)¹⁹.

A linguagem litúrgica é expressa simbolicamente de várias maneiras e, dentre elas, estão o uso das cores que indicam o tempo litúrgico²⁰ que os membros estão vivenciando. Assim, os membros que fazem parte do sodalício se encarregam de utilizar os paramentos com as cores

¹⁸ Livro de Oração Comum do Brasil

¹⁹ Disponível em: <http://www.dar.org.br/categoryblog/2634-a-liturgia-anglicana-ven-arc-rev-carlos-alberto.html>. Acesso em: 30/04/2013.

²⁰ O chamado Tempo Litúrgico consiste na divisão do ano em tempos próprios que remetem a vida e passagem de Jesus Cristo. Assim o ano litúrgico divide-se em: Advento, Natal, Quaresma, Tempo Pascal (ou Páscoa) e Tempo Comum.

adequadas para cada tempo que estão vivendo como uma espécie de memorial que remete ao período vivido por Cristo. As principais cores litúrgicas são:

- * Branca – que é utilizada em todas as festividades (Páscoa, Natal e demais festas), simboliza a pureza e também a alegria; indica os tempos do Advento e da Páscoa;
- * Verde – indica o Tempo comum e simboliza a esperança;
- * Vermelho – também conhecida como a “cor do Bispo” porque é utilizada na visita do Bispo e em Pentecostes; simboliza o fogo purificador, da caridade, do martírio;
- * Roxa – indica penitência e é utilizada na Quaresma e no Advento;
- * Preta – apesar de não ser considerada cor litúrgica, é também utilizada simbolizando o luto. O típete preto é usado nos cultos em que não há a Celebração Eucarística²¹.

A simbologia das cores é tão relevante para a liturgia quanto os cantos e os textos porque ela também traz sua pedagogia²². A liturgia promove a comunicação entre o fiel comungante e o seu Deus, ela o insere na própria ação, transformando-o em partícipe do culto, que simbolicamente se iguala e ao mesmo tempo reverencia sua divindade por meio das ações, gestos, símbolos etc., como nos indica Aldazábal (2005)²³:

A liturgia é por si só uma celebração na qual prevalece a linguagem dos símbolos. Uma linguagem mais intuitiva e afetiva, mais poética e gratuita. [...] **É a linguagem simbólica que nos permite entrar em contato com o inacessível:** o mistério da ação de Deus e da presença de Cristo.

O mundo da liturgia não pertence às realidades que terminam em “-logia” (teologia, por exemplo), mas sim em “-urgia”

²¹ Informações retiradas de material próprio da Igreja Anglicana utilizado no Curso de Sodalício do Altar, que prepara os membros que cuidarão dos paramentos do altar.

²² ALDAZÁBAL, José. **Gestos e Símbolos**. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 64.

²³ ALDAZÁBAL, 2005, pp. 14-15. Grifo nosso.

(dramaturgia, liturgia): **é uma ação, uma comunicação plena, feita de palavras, mas também de gestos, movimentos, símbolos, ação.**

Os símbolos anglicanos e as estruturas de sensibilidade²⁴

As estruturas de sensibilidade que constituem os caminhos trilhados pelo imaginário para se refugiar ou enfrentar as angústias existenciais da vida humana são as responsáveis pela classificação ou ordenação dos símbolos encontrados no trajeto antropológico. Nelas podemos classificar os símbolos em três grandes grupos: estrutura heróica, estrutura mística e dramática, que por sua vez fazem parte de dois regimes: o diurno e o noturno. Segundo Gomes:

Durand estrutura a sua teoria em dois regimes, o diurno e o noturno, que se aglutinam no imaginário, em torno de núcleos organizadores da simbolização. E estes núcleos são polarizados, portanto, em cada núcleo ou polo existe uma força homogeneizante, ordenadora de sentido – seja, de um lado, heroico (regime diurno), seja de outro lado, místico e dramático (regime noturno), [...] em três estruturas, gestos ou reflexos, que gravitam em torno de três estruturas: postural, digestiva e copulativa, que são dadas pela reflexologia, ou seja, pelos reflexos primordiais. Para isso, é preciso lembrar que a base do pensamento de Durand(2001, p. 54) assenta-se na Escola Reflexológica de Betcherev (1933) e Kostyleff (1947) e que para esta escola existe uma estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas.[...] Desse modo, é através desta classificação das imagens que poderemos compreender os sentidos simbólicos²⁵.

²⁴ FERREIRA-SANTOS, Marcos. ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética.** São Paulo: Képos, 2012.

²⁵ GOMES, Eunice Simões Lins. **Um baú de símbolos na sala de aula.** São Paulo: Paulinas, 2013, p. 18.

Em nosso esboço optamos por um recorte nos símbolos mais visíveis ou mais representativos para os anglicanos na Celebração Eucarística, a qual, segundo os mesmos, é o “ápsi” de seu culto. Assim, os classificaremos dentro das estruturas de sensibilidade do imaginário que são estruturas *figurativas* correspondentes no dinamismo simbólico:

As estruturas são formas dinâmicas, sujeitas a transformações, passíveis de serem tipificadas e de modificarem o campo imaginário. Esse caráter dinâmico das estruturas permite que sejam concebidas como estruturas figurativas, correspondem ao “isomorfismo os esquemas, arquétipos e símbolos no seio dos sistemas míticos ou de constelações estáticas”. Nesse sentido, são estruturas de sensibilidade, pois são motivadas pelo aspecto racional, conceitual das imagens quanto por sua dimensão sensível, poética, afetual²⁶.

Num primeiro momento, classificaremos alguns símbolos que encontramos dentro da chamada estrutura de sensibilidade mística, como o cálice e a âmbula (figuras 1 e 2 respectivamente), conhecidos como vasos sagrados e os mais representativos:

O pão e o vinho são elementos mais plenos de sentido e de simbolismo na celebração da Eucaristia, juntamente com as pessoas celebrantes e o livro da Palavra. Por isso, deveriam mostrar-se muito visivelmente nos diversos momentos de seu uso. [...] Sobre o altar, o pão e o vinho são os dois elementos que devem ficar mais visíveis para a comunidade [...] O cálice para o vinho é o “vaso” litúrgico mais importante. Deve ser digno, artístico, “de materiais sólidos, que sejam considerados nobres segundo o apreço comum em cada região”²⁷.

²⁶ FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 19.

²⁷ ALDAZÁBAL, 2005, pp. 229-230.

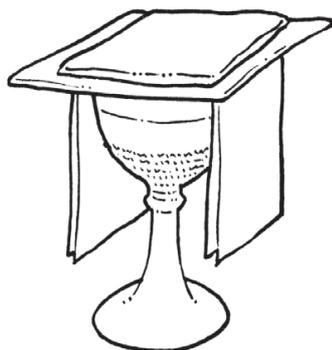


Figura 1 – Cálice
Fonte: Arte:
FONSECA, 2013.



Figura 2 – Âmbula
Fonte: Arte:
FONSECA, 2013.

A Âmbula ou píxide (Figura 2) é também um símbolo bastante significativo. Assim como o cálice, contém o outro elemento simbólico mais representativo do culto que simboliza o corpo de Cristo. É uma espécie de cálice de tamanho maior e com tampa, no qual é feita a consagração das obréias²⁸.

Na relação com a teoria durandiana estes símbolos (Figuras 1 e 2) remetem ao regime noturno com os símbolos da intimidade, mais especificamente à moradia e à taça, pois são aqueles que contém e no isomorfismo²⁹, trazido por Pitta (2005)³⁰ e constatado mediante a afirmação:

A moradia e a taça [...] com o sentido de centro de espiritualidade íntima, ainda vão ser encontradas as imagens de nave (da igreja) e nave (do navio), a arca [...] o ovo cósmico (como aqueles dos quadros de J. Bosch), o vaso (*vaisseau* significa vasilha, vaso, nave), **as taças litúrgicas** (destinadas a rituais religiosos: o Santo Graal, por exemplo) o estômago, todos contendo a intimidade secreta e preciosa.

²⁸ As obréias são os elementos que representam o corpo de Cristo e que no rito católico romano (Missa) são conhecidas como hóstias.

²⁹ Isomorfismo é a uma correspondência biunívoca entre os elementos de dois grupos que preserva as operações de ambos (FERREIRA, 1997)

³⁰ PITTA, Danielle P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005, p. 32.

As taças litúrgicas também podem ser simbolicamente associadas ao lugar de repouso, de encontro, de intimidade e de refúgio, pois nelas estão contidas “o alimento” que sustenta e fortalece a fé dos cristãos que acreditam na Eucaristia. Todas as aflições, e perturbações que encontramos no dia a dia são minimizados quando conseguimos entrar num estado de repouso, de recolhimento, como nos sugerem estes símbolos que nos indicam este lugar especial de refúgio e, ao mesmo tempo, de restabelecimento da força por meio do alimento.

Esta estrutura de sensibilidade remete à um sentido de penetração, a um centro, que nesta perspectiva de análise propõe um sentido de inversão, que são características próprias da estrutura mística numa descida, ao ventre, ao centro, numa oposição à elevação transcendente para uma penetração da profundidade, como podemos perceber no ocorrido com a digestão³¹.

Em nosso recorte para análise deste artigo, selecionamos também a análise da cruz. É a representação da cruz celta que simboliza com este círculo o mundo e, simbolicamente, o próprio Jesus Cristo no centro do mundo³². Sobre o simbolismo da cruz celta, Chevalier afirma:

[...] a cruz celta se inscreve num círculo que suas extremidades ultrapassam, de modo que ela conjuga o simbolismo da cruz e do círculo. Poder-se-ia acrescentar um terceiro: o do centro, pelo fato da existência de uma pequena esfera no centro geométrico da cruz e no meio dos braços de inúmeros exemplos arcaicos de cruz³³.

³¹ FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012.

³² Informação verbal dada pelo Reverendo Deão da Igreja Concatedral Anglicana em João Pessoa.

³³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 17^a ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p. 313.



Figura 3 - Cruz Celta
Fonte: Arte: FONSECA,
2013.

A *cruz vazia* representa para os anglicanos a vitória de Cristo sobre a morte. Ela simboliza o próprio Cristo e condensa segundo a tradição cristã toda a história da salvação. Ela é um dos símbolos existentes desde a antiguidade em lugares como a China, Egito, Creta entre outros³⁴.

A cruz ainda remete aos seus aspectos de horizontalidade, colocando o Cristo numa condição de igualdade humana, e na verticalidade, apontando para cima e para o alto, indicando sua condição divina e soberana. Na relação com a Teoria do Imaginário podemos associar a cruz ao grupo dos símbolos da estrutura de sensibilidade sintética ou dramática que, nas palavras de Durand, trata-se de “uma estrutura de harmonização de contrários” como o que ocorre com seus aspectos de verticalidade e horizontalidade que se fundem ao serem associados ao Cristo.

Ainda podemos destacar a Bíblia como um símbolo bastante representativo para os anglicanos. Ela se encontra sobre o altar sempre aberta, o que nos remete a um sentido, conforme indica Aldazábal: “Esse livro aberto, à vista do povo, continua sendo o que ilumina o restante da celebração eucarística e toda a vida da comunidade[...] Palavra viva de Deus nesta ocasião, a comunhão com o Cristo que nos fala”³⁵.

³⁴ CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 313.

³⁵ ALDAZÁBAL, 2005, p. 278.

Para os anglicanos a Palavra é percebida num lugar privilegiado, o que foi apreendido por seus discursos por meio dos questionários aplicados. Já na relação com a teoria de Gilbert Durand podemos encontrar este símbolo no regime diurno inserido no grupo dos símbolos da estrutura heroica, mais especificamente no grupo dos símbolos espetaculares (relativos à visão).



Figura 4 - Bíblia
Fonte: Arte: FONSECA,
Josival, 2013.

Considerações finais

Neste estudo, a análise realizada a partir da teoria proposta por Gilbert Durand favoreceu abstrair que os símbolos litúrgicos podem ser classificados dentro da convergência simbólica ora no regime diurno, ora no regime noturno. As estruturas de sensibilidade nas quais encontramos e classificamos estes símbolos nos indicam este caminho de várias possibilidades, o que é próprio do símbolo que sempre sugere significados diferenciados. O estudo realizado nos proporcionou verificar a relevância dos símbolos para este grupo religioso e também de sua liturgia, que conduz os membros comungantes ao memorial de Cristo vivenciado nos tempos litúrgicos, ou seja, a liturgia promove simbolicamente a inserção do fiel no período ou tempo vivido por Cristo. Ela proporciona uma intimidade entre o fiel e seu Deus.

A linguagem litúrgica nos remete a uma das possibilidades que o símbolo nos proporciona: o estímulo do imaginário. Podemos perceber que por meio dos objetos, cores, alimento, etc., os membros são conduzidos para uma outra dimensão: a simbólica, onde o vinho é sangue, a obréia é o corpo, o verde não simboliza apenas esperança, mas também a espera de um novo tempo, e assim por diante. Disso deriva a relevân-

cia da liturgia como linguagem da religião, pois ela não só representa, mas também comunica, aponta e indica as posturas e comportamentos dos membros anglicanos. Desse modo, identificamos a liturgia e seus símbolos como fios condutores que, no rito da comunhão, levam os anglicanos a uma conexão com a sua divindade, no caso o próprio Jesus Cristo, ou seja, os símbolos evocam algo ausente que se renova com o ritual litúrgico.

Referências

- ALDAZÁBAL, José. **Gestos e símbolos**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ALMEIDA, Rogério. Mitocrítica e mitanálise no campo da hermenêutica simbólica. *In*: GOMES, Eunice S.L. (org.). **Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011, pp. 15-38.
- CAVALCANTI, Robinson. **Anglicanismo: identidade, relevância, desafios**. Recife: Edição do Autor, 2009.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. Trad. Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1994.
- DURAND, Jean-Paul. **Instituições Religiosas: Judaísmo, Catolicismo, Islamismo e Igrejas saídas da Reforma**. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Paulinas, 2003.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 2^a ed., São Paulo: MartinsFontes, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- FERREIRA-SANTOS, Marcos. ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética.** São Paulo: Képos, 2012.
- GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.
- GOMES, Eunice Simões Lins. **Um baú de símbolos na sala de aula.** SP: Paulinas, 2013.
- HIGHET, Etienne Alfred. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais.** São Paulo: Paulinas, 2012.
- HOCH, Klaus. **Introdução à ciência da Religião.** Trad. Monika Ottermann. São Paulo: Loyola, 2010.
- JOSGRILBERG, Rui de Souza. Hermenêutica fenomenológica e a tematização do sagrado. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais.** São Paulo: Paulinas, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos.** 15 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião.** Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2006.
- NASSER, Maria Celina Rocha. **O uso de símbolos: sugestões para a sala de aula.** São Paulo: Paulinas, 2006.
- PALMER, Richard E. **Hermenêutica.** Trad. Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2006.
- PIRES, Frederico Pieper. A dança do símbolo no cenário da hermenêutica. HIGHET, Etienne A.; MARASCHIN, Jaci. **A Forma da Religião: leituras de Paul Tillich no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, pp. 27-44.
- PITTA, Danielle P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

RICOUER, Paul. **Teoria da Interpretação:** o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2009.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões.** Trad. Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Paulinas, 2003.